

Editorial

Eduardo Luersen^[*]

Ronaldo Cesar Henn^[**]

Christian Gonzatti^[**]

O Instituto de Cultura Digital (ICD) nasce no Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Unisinos, pela percepção de alguns pesquisadores, de que o conhecimento produzido por suas atividades científicas extrapola o ambiente acadêmico. Com o objetivo de ampliar as conexões com outros públicos para além da comunidade acadêmica o ICD trabalha para desenvolver sujeitos, coletivos e organizações no âmbito dos desafios da Cultura Digital, a partir das competências de pesquisa instaladas e desenvolvidas nos grupos de pesquisa LIC - Laboratório de Investigação do Cibercontecimento e TCAv Audiovisualidades da Tecnocultura.

A partir da produção do conhecimento resultado das pesquisas produzidas pelos pesquisadores e pesquisadoras, as ações e projetos do instituto estão inseridas no mercado da indústria criativa e é com os atores que fazem parte desse mercado que o ICD se conecta e dialoga através do trabalho que desenvolve. A ênfase das atividades que são realizadas no ICD está no diagnóstico de cenários e tendências, na capacitação de organizações, coletivos, indivíduos e na construção de soluções de recomendação para processos interacionais que se estabelecem em contextos mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Dessa forma, o ICD tem atuado para ser um espaço de construção de conhecimento e pesquisa sobre a cultura digital no contexto da indústria criativa.

Neste dossiê, recebemos textos que debatem a *Cultura Digital no século XXI*. Em *Tecnopolítica migrante em disputa: ativismo e usos táticos de plataformas digitais*, Liliane Dutra Brignol analisa de que forma as práticas ativistas reconhecem e enfrentam as lógicas algorítmicas que ingerem sobre as experiências de ação coletiva por meio das tecnologias digitais.

A autora realiza essa análise a partir de observação online, observação participante em espaços urbanos, e entrevistas semiestruturadas com ativistas migrantes envolvidos em ações coletivas no contexto espanhol. O trabalho examina como as lutas políticas por visibilidade e por direitos migratórios se articulam através da mediação tecnológica. Com o direito à mobilidade – uma das grandes questões éticas contemporâneas – como pano de fundo, Brignol aborda os complexos tensionamentos tecnopolíticos resultantes da era digital, indo além das tradicionais tensões entre movimentos migratórios e as estruturas do Estado-nação. Ao enfatizar a importância da lógica algorítmica nas dinâmicas comunicacionais das plataformas digitais e as apropriações táticas dessas tecnologias por ativistas migrantes, a autora destaca como essas práticas buscam cada vez mais integrar as iniciativas da ambiência digital a contextos presenciais.

Partindo da tecnopolítica em direção à tecnoestética, esta edição também apresenta o trabalho “*Memórias que eu não sabia que tinha*”: a estetização da nostalgia em vídeos de lofi hip hop no YouTube, de Débora Gauziski. A partir da análise das audiovisualidades de canais de lofi hip hop na plataforma e da observação netnográfica das dinâmicas comunicacionais nos campos de comentários de vídeos do gênero, a autora explora as manifestações de sentidos de nostalgia associadas ao consumo musical contemporâneo. Delimitando o estudo aos comentários publicados durante o confinamento causado pela pandemia de SARS-CoV-2 em 2020, a pesquisadora destaca a presença de memórias e relatos pessoais compartilhados pelos usuários. Dentre estes, sobressaem-se as associações com produtos culturais do passado, muitas vezes não experienciados diretamente pelos

[*] Zukunftskolleg, University of Konstanz. Universitaetsstrasse 10 - 78464 Konstanz - Germany.

[**] Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Av. Unisinos, 950 - Bairro Cristo Rei - São Leopoldo (RS).

usuários, e a paradoxal sensação de saudade de situações específicas da pandemia, mesmo diante das experiências trágicas e ainda muito recentes daquele período.

Em *Plataformização do telejornalismo: uma análise sobre os procedimentos adotados na cobertura da TV Globo na invasão dos poderes em Brasília (2023)*, Carolina Dantas de Figueiredo e Adriano Austeclínio Pádua dos Santos conduzem a análise da cobertura da TV Globo sobre os ataques à sede dos três poderes em Brasília em janeiro de 2023. A partir deste estudo de caso, os autores propõem uma reflexão mais profunda sobre as emergentes oscilações nas relações de poder entre instituições jornalísticas e as plataformas online: à revelia das disposições da indústria jornalística, a atuação dos algoritmos em relação às notícias das empresas de comunicação exerce controle sobre a visibilidade desses conteúdos, operando como um editor na seleção, produção e distribuição online. Através de análise detalhada das dinâmicas de circulação e visibilidade de conteúdos relacionados à invasão da sede dos três poderes, o artigo enfatiza as crescentes tensões entre o controle editorial das empresas de comunicação e as dinâmicas das plataformas, observando como este processo de edição algorítmica altera os critérios de noticiabilidade e compele a indústria do jornalismo a criar mecanismos de participação no ecossistema midiático digital.

Em *Representação da inteligência artificial pela mídia: análise do discurso e do conteúdo de uma cobertura noticiosa em língua inglesa*, Frederico Reis Pacheco analisa a cobertura midiática, o conteúdo discursivo e as manchetes referentes a uma etapa de um experimento conduzido em 2017 pela equipe do *Facebook AI Research* (FAIR). A análise, realizada a partir de meios de grande circulação de língua inglesa, aponta como a cobertura jornalística extrapolou significativamente os processos e conclusões do estudo original, que consistia em avaliar o uso de inteligência artificial para realizar tarefas específicas sem intervenção humana, visando treinar modelos para interações entre agentes humanos e sistemas automatizados. A análise descreve como os discursos oscilaram entre o deslumbramento tecnológico e preocupações éticas, priorizando termos incomuns e excessivamente impactantes, com tendência ao sensacionalismo. Ao destacar aspectos dramáticos ou polêmicos em busca de um apelo mais emocional, a espetacularização dos acontecimentos acaba simplificando ou distorcendo informações técnicas. O autor sugere que, através de uma abordagem mais equilibrada, a imprensa poderia ter um papel fundamental na promoção do letramento em inteligência artificial, fornecendo ao público o conhecimento necessário para tomar decisões mais conscientes e responsáveis em relação à tecnologia. Tal letramento seria muito relevante socialmente no atual contexto, em que aplicações de modelos

de inteligência artificial se inserem em áreas diversas, da economia às artes, da educação à administração pública.

A partir de uma análise discursiva, Karen de Paula Santos e Patrícia Gonçalves Saldanha procuraram identificar os efeitos de sentido presentes na campanha de comunicação publicitária promovida pelo conglomerado de tecnologia Google durante a tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Lei 2630/20, em 2023, que institui a lei brasileira de liberdade, responsabilidade e transparência na internet, também conhecida como *PL das Fake News*. Com o título *A comunicação silenciosa do Google sobre o PL 2630/2020: midiatização discursiva contra a regulamentação de difusão da informação na ambiência digital*, o artigo traçou, como objetivo, de compreender se/como a circulação do discurso, aparentemente sem pretensão financeira, aliado ao monopólio de poder e domínio tecnológico, poderia constituir, de maneira silenciosa, subterfúgios para a legitimação dos interesses de mercado da corporação. As autoras constataram que, ao articular dinâmicas de produção e circulação de conteúdos relacionados à temática da regulamentação, houve uso de estratégias textuais características da desinformação, além da circunscrição do PL em uma Formação Discursiva que pressupõe subserviência legislativa aos interesses dos conglomerados empresariais.

Em *Uma análise dos memes sobre vacinação de covid-19 em redes sociais on-line*, Tiago Franklin Rodrigues Lucena, Lara Beatriz Natalie Arantes e Graça Penha Nascimento Rossetto apresentam o resultado de pesquisa qualitativa que analisou os materiais meméticos sobre o tema que circularam entre final de 2021 e início de 2022. Os autores coletaram 41 memes através da ferramenta Google Imagens ou de *hashtags* nas RSOs Instagram e X, e deste total depois do processo de seleção e exclusão, destacaram seis foram submetidos à análise visual e de conteúdo, além de serem categorizados quanto à temática e tipo de meme. Os resultados apontaram para uma forte presença do humor - principalmente do auto-humor, quando a finalidade é rir de si próprio, com peças consideradas do tipo macro, que consistem em imagens somadas a texto, a favor da vacinação e de crítica às informações divulgadas por grupos antivacinas e falas do ex-presidente Jair Bolsonaro. O artigo aponta que os memes se configuram como peças de posição política e, “em um cenário de crise sanitária cercada por incertezas, funcionaram como mecanismo de enfrentamento ao surgimento ou agravamento de doenças como ansiedade e depressão”.